

## **SER PENSE, SERPENTE, SER GENTE<sup>1</sup>**

**Marcos Mascarenhas Barbosa Rodrigues<sup>2</sup>**

Sangra ao descer da serra para vales  
Atravessa o Tocantins e porfia com o Mearim  
Envolve-os com abraço letal  
Lançada foi à sorte  
Ao ranger em polia zombeteira  
O trilho em maresia  
De Parauapebas a fluir  
Para destino triunfante  
Entrega para os gigantes toda nossa valia  
Trezentos e trinta vezes por dia  
Em cada passar inocula-nos  
Orgia, política e descomunaleza  
Carnaval, conjunção e mentira  
Ao cingir lugarejos e vilas  
A erma e não lembrados  
Nesse seu passar escarra veneno estonteante

---

<sup>1</sup> Este poema, na verdade um de dois escritos, foi produzido numa viagem de trabalho de campo, feita a trem, utilizando o trem de passageiros da Vale, conduzindo a Turma de Geografia 2011 Noturna, no perímetro compreendido entre Marabá (PA) a São Luiz (MA). Viagem que durou doze horas e cujas impressões deram-nos a inspiração e oportunidade de compô-lo. Podemos depreender que entre as contribuições do trabalho de campo para os geógrafos, pode servir de inspiração para um olhar geográfico; produzindo textualização poética sobre as mazelas criadas pela atuação de uma grande corporação, no uso e abuso de seu território, imposto às regiões por onde seus sistemas de objetos atuam, no caso em particular a Estrada de Ferro de Carajás pela Cia. Vale, antiga Companhia Vale do Rio Doce (CVRD).

<sup>2</sup> Docente da Faculdade de Geografia da UFPA – Campus Marabá. E-mail: [mascarenhas@ufpa.br](mailto:mascarenhas@ufpa.br).

Range, rosna e desliza  
A vil serpente fumegante  
Poluta, moderna e intrigante  
Das entranhas da terra regurgitar:  
Ouro e hematita...  
Na Ponta da Madeira para os gigantes  
Engordar navios cargueiros  
Que hoje substituiu os Negreiros  
Para os Estados Unidos, China e Canadá  
Pagam bilhões em dinheiro  
Dólar, iene e cruzeiro  
Mas, o progresso não sabemos onde foi parar  
Essa lama movediça  
Que não permite as pessoas simples prosperar  
Deles retira mais que a calma e o silêncio  
Ao ver seus sonhos afogar  
Educação, trabalho e alegrias  
Chicoteados dia-a-dia  
Vendo na estrada da vida  
O trem da Vale passar.